

PULSÃO DE MORTE EM “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR

DEATH DRIVE IN "A HORA DA ESTRELA" BY CLARICE LISPECTOR

Jade Medeiros Silva,

Acadêmica de Psicologia da Universidade de Rio Verde

E-mail: jaademedeiros@hotmail.com

Claudio Herbert Nina e Silva

Professor da Universidade de Rio Verde

E-mail: claudioherbert1@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente artigo foi verificar a presença de características típicas da pulsão de morte na narrativa do romance “A Hora da Estrela”. Observou-se a existência de características típicas da pulsão de morte no romance, tais como: compulsão à repetição, sentimento inconsciente de culpa, necessidade de expiação e ação de mortificação. Pode-se considerar que o romance inteiro gira em torno da representação e do significado da morte para Rodrigo, Macabéa e Clarice Lispector. Verificou-se que o tema da morte não é explorado em “A Hora da Estrela” de modo objetivo, material. Muito ao contrário, a morte é apresentada por Clarice Lispector a partir de uma dimensão psicológica, relacionando-a à dinâmica do inconsciente da personagem Macabéa e do próprio narrador Rodrigo.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Psicanálise. Romance Psicológico.

ABSTRACT

The aim of this paper was to verify the presence of typical characteristics of the death drive in the novel narrative "*A Hora da Estrela*". We observed the existence of typical characteristics of death drive in the novel, such as the repetition compulsion, unconscious sense of guilt, need for atonement and mortification of action. It can be considered that the entire novel revolves around the representation and meaning of death for Rodrigo, Macabéa and Clarice Lispector. It was found that the subject of death is not explored in "*A Hora da Estrela*" objectively and materially. On the contrary, death is showed by Clarice Lispector from a psychological dimension, relating to the unconscious dynamics of Macabéa character and of the narrator Rodrigo.

Key-words: Clarice Lispector. Psychoanalysis. Psychological Romance.

1 INTRODUÇÃO

Clarice Lispector foi uma escritora que fazia questão de desvendar psicologicamente as personagens de seus livros. Eventualmente, no decorrer desse processo, Clarice Lispector acabava por se desvendar veladamente. A capacidade de Clarice Lispector de descrever minuciosamente os sentimentos e pensamentos das personagens dos livros dela tem sido enfatizada e admirada por vários críticos literários (BORELLI, 1981; BOSI, 1989; BELTRÃO-FILHA, 2004; ARÊAS, 2005; SPINELLI, 2008; MOSER, 2009).

A temática dos romances de Clarice Lispector é considerada existencial porque ela centraliza sua investigação na condição humana, voltando-se para o mundo interno de suas personagens. Assim como Jean Paul Sartre, Clarice Lispector investiga a natureza da existência humana enquanto resultado de escolhas (BORELLI, 1981; BOSI, 1989).

No entanto, para Beltrão-Filha (2004), a importância da obra literária de Clarice Lispector não reside na descrição minuciosa da realidade objetiva das personagens, mas sim a realidade do inconsciente, da dimensão mais profunda da alma das personagens.

Esteticamente, a escrita de Clarice Lispector é densa e bem elaborada. Em toda a obra de Clarice Lispector, encontram-se vestígios de uma escrita poética em prosa, pois a autora faz uso constante de metáforas para dar o tom artístico às descrições que faz dos estados afetivos e do inconsciente de suas personagens. Além disso, o discurso nas narrativas da autora é frequentemente baseado em sensações e em uma incessante tentativa subjetiva de nos abrir os olhos para como tais sensações são vivenciadas pelas personagens (BORELLI, 1981; BOSI, 1989; ARÊAS, 2005).

“A Hora da Estrela” é o último romance de Clarice Lispector, sendo considerado a obra prima da autora (BORELLI, 1981; BOSI, 1989; MOSER, 2009). Publicado em 1977, esse romance tem uma importância literária inestimável porque representa o apogeu do romance psicológico na literatura moderna brasileira (BORELLI, 1981; BOSI, 1989; ARÊAS, 2005; SPINELLI, 2008; MOSER, 2009).

O romance descreve a vida de Macabéa, uma jovem migrante nordestina em estado de profunda alienação social e psicológica no Rio de Janeiro. Por meio do narrador Rodrigo, alterego de Clarice Lispector, a autora faz o uso de metáforas bem elaboradas e de descrições minuciosas dos sentimentos e pensamentos diversos relacionados à jornada da personagem Macabéa rumo à autodestruição e à eventual redenção pela morte (BELTRÃO-FILHA, 2004; ARÊAS, 2005).

A narrativa de Rodrigo revela que Macabéa está presa a uma teia indissolúvel de marasmo e sofrimento, caracterizada por uma falta de vontade de viver e pela ausência de pensamentos críticos. Desse modo, Macabéa vivencia um doloroso e progressivo vazio existencial no decorrer de toda a narrativa, experimentando a redenção da dor e a tomada de consciência sobre si própria apenas no momento da morte (ARÊAS, 2005).

Em “A Hora da Estrela”, há momentos em que se percebe a identificação completa do narrador com a personagem Macabéa. Por meio do magistral uso da figura do narrador, Clarice Lispector se expõe quando acha necessário e se esconde logo em seguida para se proteger de eventuais olhares mais atentos dos leitores (ALVES, 2003).

Em toda a sua obra literária, Clarice Lispector evidencia aspectos de si mesma em suas personagens (BORELLI, 1981; SPINELLI, 2008; MOSER, 2009), buscando definir a alma feminina por meio de uma espécie de autoanálise mediada pelas personagens que descreve nos livros (BOSI, 1989). E ao delinear e definir características psicológicas de suas personagens, a autora acaba deixando muito de sua própria alma à mostra. Portanto, paradoxalmente, ela buscava proteger a sua vida privada da imprensa conscienciosamente, dizendo inclusive que jamais faria uma autobiografia e alegando que não se conhecia (MOSER, 2009), mas acabava se confessando por meio das personagens de seus romances.

No entanto, “A Hora da Estrela” parece ser o romance no qual Clarice mais se revela, visto que ela faz uso da ironia e do humor negro, considerados típicos do comportamento da própria autora, com uma frequência e uma intensidade muito maior do que nos seus escritos anteriores.

Logo após a publicação de a “Hora da Estrela”, Clarice Lispector morreu com 57 anos, de câncer no ovário (MOSER, 2009). A obra em que a autora descreveu a banalidade do sofrimento mediante tantos acontecimentos em sua vida. Que vida! Quase morte... E que morte! Então, surgiu a ideia de se investigar a existência de características típicas da pulsão de morte em “A Hora da Estrela”. Para tanto, é preciso primeiro descrever o conceito de pulsão de morte na Psicanálise.

Na teoria psicanalítica, até o início da década de 20 do século passado, acreditava-se que o curso de nossos eventos mentais estaria regulado pelo princípio do prazer (FREUD, 1920/2013; 1938/1996). Nesse sentido, a direção dos eventos mentais seria sempre no sentido de evitar tensões desagradáveis ou buscar por prazer. (FREUD, 1920/2013; 1938/1996)

Freud (1920/2013) afirma que, até essa época, o prazer e o desprazer foram associados pela Psicanálise à quantidade de excitação presente na mente. De tal modo que o desprazer estaria vinculado com o aumento da quantidade de excitação, ao passo que o prazer estaria

relacionado com a diminuição da excitação. Como a tendência natural da mente seria evitar o desprazer, então a mente deveria evitar o aumento de excitação. Nesse sentido, qualquer coisa que seja calculada para aumentar a quantidade de excitação seria vista como adversa para o funcionamento da mente, ou seja, seria percebida como desagradável (FREUD, 1920/2013).

Então, seria correto afirmar que existe na mente uma forte tendência ao princípio do prazer. Porém, existem recursos do mundo externo que impedem, às vezes, que o princípio do prazer atue e/ou prevaleça. Freud (1920/2013) nomeia de princípio da realidade esses recursos do mundo externo que limitam a atuação do princípio do prazer. Esse princípio da realidade não abandona plenamente a busca pelo prazer, porém possibilita um nível maior de tolerância em relação à insatisfação, ao desprazer, aceitando a postergação da obtenção do prazer. (FREUD, 1920/2013).

Outro fator que impede a busca de prazer pelo aparelho psíquico ocorre quando o ego está passando por seu desenvolvimento. Nesse caso, mesmo os impulsos inatos não chegam a atingir seus objetivos. Esses objetivos são repelidos por um processo chamado repressão (FREUD, 1920/2013).

No caso da repressão, instintos que antes eram usados na forma de obtenção de prazer e satisfação são vistos pelo ego como desprazer. Em consequência disso, houve uma ruptura no instinto do princípio do prazer. Todo desprazer neurótico segue esse preceito, pois o aparelho psíquico entende a busca pelo prazer como algo perigoso e isso não permite a atuação satisfatória do aparelho psíquico pela procura do prazer (FREUD, 1920/2013).

Os dados clínicos indicaram que, na neurose, existe uma compulsão pela repetição, há uma resistência do inconsciente à inovação, ou seja, aquilo que foi reprimido impede a adoção de novas formas de conduta, emoção ou pensamento (FREUD, 1920/2013). Porém, essa compulsão pela repetição só pode ser notada quando há um avanço no afrouxamento da repressão.

A compulsão pela repetição rememora experiências que não trazem a menor possibilidade de satisfação, experiências de desprazer e impulsos instintuais que anteriormente, teriam sido reprimidos (FREUD, 1920/2013). A partir dessa concepção de instinto ou pulsão de morte, Freud (1920/2013) teoriza que um dos motivos para tais impulsos é a afloração sexual precoce na criança, algo visto como inadequada, causando uma cicatriz narcisista e isso contribui para o sentimento de inferioridade comum nos neuróticos.

Mas como essa mesma compulsão pela repetição também foi notada no comportamento de pessoa “normais” que não tinham traços de neuroses, chegou-se à conclusão que existe no processo psíquico uma compulsão pela repetição desatrelada do princípio do prazer (FREUD, 1920/2013). Desse modo:

“Levando em conta que a visão da função do aparelho mental embora não contradiga o princípio do prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer”(FREUD, 1920/2013, p.41).

A partir dessa constatação oriunda da experiência clínica, Freud passou a admitir que a sua proposição dos sonhos como sendo a realização de desejos relacionados à busca do prazer e à evitação da dor (FREUD, 1900/1996) deveria também incluir a realização de desejos de castigo e de autopunição, tais como aconteceria nos chamados “sonhos de angústia” (FREUD, 1920/2013).

Freud (1920/2013) passou a teorizar sobre a aparente contradição entre o conceito de princípio do prazer e os dados clínicos que apontavam para a hipótese de existência de impulsos que tendem à restauração de um estado anterior das coisas, uma espécie de tendência à autoaniquilação. Esses impulsos, considerados mais primitivos do que aqueles relacionados ao processo primário e ao princípio do prazer, tenderiam à restauração de um estado anterior devido à atração inconsciente das pessoas pela repetição, mesmo que seja a repetição de experiências de desprazer (FREUD, 1920/2013).

Baseado nesse pressuposto da tendência à repetição, Freud (1920/2013) afirmou que o organismo buscaria repetir constantemente determinados padrões de conduta e/ou pensamento que conduziriam à autodestruição do próprio organismo. Tomando isso por verdade, deve-se considerar que o objetivo de vida é a morte, isto é, a repetição do ciclo da natureza em escala individual.

Dessa forma, Freud (1920/2013) introduz um novo conceito que explicaria as contradições entre os dados clínicos e o conceito de princípio do prazer: o instinto ou pulsão de morte. O instinto de morte seria o primeiro instinto, o instinto primevo que busca voltar ao estado inanimado. O instinto ou pulsão de morte busca a morte orgânica motivando o próprio organismo a causá-la. É como se houvesse um desejo primitivo, mas inconsciente e fortemente arraigado em nossa mente, que impulsiona o indivíduo a desejar morrer de seu próprio modo. E é por isso que, paradoxalmente, as pessoas lutam conscientemente contra os perigos externos que poderiam nos auxiliar na realização da função da pulsão inconsciente de busca pela morte (FREUD, 1920/2013).

Por outro lado, instintos do Ego tendem a prolongar o sentido da vida, mesmo que, no final, haja uma tendência do próprio organismo de busca pela morte, porém uma morte de forma orgânica e automotivada (FREUD, 1920/2013). Para sintetizar sua teoria do instinto ou pulsão de morte, Freud (1920/2013) cita o filósofo alemão Schopenhauer, segundo o qual a morte é o verdadeiro resultado e o sentido da vida. Portanto, o objetivo do presente artigo foi verificar a presença de características típicas da pulsão de morte na narrativa do livro “A Hora da Estrela”.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

O presente estudo foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa envolvendo análise de conteúdo.

2.2 PROCEDIMENTO

O livro “A Hora da Estrela” (LISPECTOR, 1977/1993) foi analisado a partir de um referencial teórico psicodinâmico. Buscou-se verificar se há no comportamento e/ou sentimentos das personagens descritas por Clarice Lispector ao longo do livro a presença de características típicas da pulsão de morte (FREUD, 1920/2013), tais como: 1) compulsão à repetição; 2) sentimento inconsciente de culpa; 3) necessidade de expiação; e 4) ação de mortificação.

Para tanto, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (COZBY, 2003). O *corpus* da análise foi o texto completo de “A Hora da Estrela” (LISPECTOR, 1977/1993). Uma vez identificadas, as passagens do texto que se referem à motivação das personagens foram relacionadas às características de pulsão de morte descritas por Freud (1920/2013).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 COMPULSÃO À REPETIÇÃO

Em seu livro “A Hora da Estrela”, Clarice salienta graciosamente a neurose de Macabéa, a partir de trechos em que foram encontrados compulsão à repetição, tanto pela personagem principal Macabéa, quanto para seu narrador Rodrigo que serão retratados posteriormente e a partir daí será feito uma análise para confirmar os pressupostos levantados por esse trabalho.

Sobre compulsão à repetição nas narrações de Rodrigo destacam-se os seguintes trechos: “Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (LISPECTOR, 1977/1993, p.25).

No trecho anterior, o narrador Rodrigo discorre em suas primeiras falas sobre seu limitado conhecimento sobre felicidade, é onde é encontrado os primeiros aspectos da compulsão à repetição no livro “A Hora da Estrela”.

Com um olhar mais minucioso sobre as palavras dramáticas de Rodrigo encontramos cada vez mais aspectos que nos levam a crer que existe um parâmetro compulsivo e repetitivo, então ele diz: “Porque há o direito ao grito. Então eu grito” (LISPECTOR, 1977/1993, p.27). Aqui fica uma indagação se o Rodrigo grita somente porque o grito lhe é de direito ou se há algo mais que faz com que o grito seja necessário.

O grito citado por Rodrigo é um pedido de socorro, o grito se faz por meio de seus escritos sobre a nossa personagem principal, Macabéa. Nota-se em seguida quando ele diz:

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descobro eu agora – eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. (LISPECTOR, 1977/1993, p.27)

É necessário que olhemos esses trechos citados atentamente, pois eles nos revelam detalhes subjacentes que não são vistos a olhares descuidados. O narrador não se abstém ao comentar sobre sua personagem principal, Macabéa e sem remorsos, deixa claro que ela não é uma posse de muito valor, porém munido de um histórico impiedoso Rodrigo traz as mesmas alegações para referir-se a si mesmo. Chegaremos desse modo a conclusão de que Rodrigo e sua personagem principal possuem aspectos semelhantes.

Mais adiante é encontrado sob os efeitos afirmativos de Rodrigo:

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa? (LISPECTOR, 1977/1993, p.33).

O narrador usa de sarcasmo nesse trecho onde pergunta retoricamente sobre uma possível tristeza em sua narrativa onde está absolutamente claro o desenrolar trágico de sua narrativa desde suas primeiras palavras.

Ele continua com as seguintes palavras: “Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. É dessa mesma forma que ele enxerga Macabéa, como um ser que não passa de uma sobra na terra dos homens” (LISPECTOR, 1977/1993, p.35).

Baseado nisso devemos levar em consideração que existem vários aspectos entre narrador e personagem principal que se assemelham. Prosseguindo ele comenta: “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso?” (LISPECTOR, 1977/1993, p.38).

Esses questionamentos de Rodrigo são referentes somente a Macabéa ou estaria ele fazendo uma alusão a si mesmo? Rodrigo começa seu livro pedindo a nós leitores que cuidemos de sua obra prima, sua personagem, porém nos dá a informação de que talvez ela não esteja tão viva assim quanto pensávamos e ainda assim ele incita que cuidemos dela, ou ele incita que cuidemos dele?

São questões que devem ser levantadas e indagadas ao longo da leitura. “A sua cara é estreita e amarela como se ela já tivesse morrido. E talvez tenha” (LISPECTOR, 1977/1993, p.39).

Um das indagações mais importantes no decorrer desse trabalho são referentes há um esforço tremendo e proposital que o narrador faz para deixar claro para nós, leitores ávidos, de que ele e sua personagem principal se diferem de formas variadas, como nesse relato: “Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus. Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona” (LISPECTOR, 1977/1993, p.39).

Como já foi mostrado anteriormente o Rodrigo se assemelha a Macabéa em diversas formas e ele mesmo nos mostra essa semelhança. Mais adiante ele se contradiz e nega a semelhança. Seria feito isso de forma imprudente e impensada? Ou Clarice Lispector como escritora audaz, desprovida de medo que era, quis nos dar um gostinho de reconhecimento de si mesma sob a face de Rodrigo disfarçado de Macabéa?

Mais uma vez, sem rodeios, Rodrigo nos presenteia com informações valiosas: “Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem.” (LISPECTOR, 1977/1993, p.40).

Desprovido de qualquer receio de que seus leitores não estariam satisfeitos com o pouco conteúdo explícito de tal informação, Rodrigo joga ao vento informações pertinentes sobre Macabéa e não faz questão de se explicar, como a nossa escritora Clarice Lispector também não faria.

Então, Rodrigo se confessa dizendo: “Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva.” (LISPECTOR, 1977/1993, p.41). Essa raiva sentida por Rodrigo é analisada como uma raiva direcionada a si mesmo, pois ele encontra em Macabéa o que tanto nega em si mesmo.

Expressando um intenso desejo de vingança, Rodrigo narra: “Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? (Não, ela é doce, obediente.)” (LISPECTOR, 1977/1993, p.41).

A falta de reação de Macabéa deixa Rodrigo estupefato e um tanto quanto vingativo, porquê? Seria o motivo de tamanho incômodo a sua própria falta de reação? Rodrigo relata: “E assim se passava o tempo para a moça esta assoava o nariz na barra da combinação. Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto. Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo” (LISPECTOR, 1977/1993, p.42).

Podemos encontrar o óbvio contraste entre os dois últimos trechos onde Rodrigo ameaça amar mais o seu cachorro do que a sua personagem principal e logo em seguida se declara para a mesma. Encontramos em seguida afirmativas que relatam:

“Essa moça não sabia que ela era o que era assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava” (LISPECTOR, 1977/1993, p.42).

Nesse instante, surge a dúvida se Rodrigo não se refere à sua própria ignorância e sua falta de auto-reconhecimento referente à presença de Macabéa em si mesmo. Essa dúvida transparece claramente quando ele diz: “Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo” (LISPECTOR, 1977/1993, p.49).

Outros questionamentos surgem na mente de Rodrigo: ele ama a vida e por isso mata a Macabéa? Transfere a ele sua pulsão de morte? Liberta-se ao libertar Macabéa por meio da morte? Seria Macabéa que não tem consciência do Rodrigo ou se é o Rodrigo quem não tem consciência da presença de Macabéa tão fortemente arraigada em si mesmo? E quanto ao fato de ele se dizer um apaixonado pela vida, é implícito seu cinismo cordial, pois seu amor pela vida se perde em meio aos seus devaneios e exaltações à morte. O ponto crucial do romance se desvenda quando Rodrigo salienta:

“Claro que era neurótica, não há sequer necessidade de dizer. Era uma neurose que a sustentava, meu Deus, pelo menos isso: muletas. Devo dizer que ela era doída por soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremeção de prazer: será que ele vai me matar?” (LISPECTOR, 1977/1993, p.50).

Rodrigo apresenta a neurose de sua personagem como algo positivo: diante de tanta miséria, pelo menos a neurose dá algum suporte a Macabéa. “Muletas” como Rodrigo afirma.

Além disso, Rodrigo continua sustentando a existência concreta de Macabéa quando diz: “Não há dúvida de que ela é uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (LISPECTOR, 1977/1993, p.37). Queria Rodrigo retratar o fato de nunca ter olhado a fundo em si mesmo por medo de enxergar Macabéa dentro de si? Sentiria Rodrigo medo ou vergonha?

Sobre realidade, o que Rodrigo tem a dizer se limita a poucas palavras de impacto: “Aliás, a palavra “realidade” não lhe dizia nada. Nem a mim, por Deus” (LISPECTOR, 1977/1993, p.49). A neurose de Rodrigo é confessada nesse trecho em particular em que o mesmo nega a existência de algum valor significativo da realidade.

Em detrimento de sua coragem Rodrigo revela: “Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de jóias e roupas acetinadas – só para se mortificar um pouco. É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco, é um encontro.” (LISPECTOR, 1977/1993, p.50)

Valorizando o sofrimento, Macabéa espera, pelo menos porque sofrer é sentir e antes do sofrimento do que o vazio existencial que já fazia parte de sua vida. Mais uma vez, expressando uma profunda ironia, Clarice Lispector faz Rodrigo dizer: “Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo” (LISPECTOR, 1977/1993, p.51). E ainda assim, tanto Clarice Lispector quanto o seu alterego Rodrigo se dedicam a escrever arduamente...

Para um melhor entendimento sobre a neurose de Macabéa, encontramos nas narrações de Rodrigo o seguinte trecho: “Outra vez ouvira: ‘Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade’. Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo” (LISPECTOR, 1977/1993, p.53).

Depois dessa afirmação reveladora sobre a neurose de Macabéa, Rodrigo demonstra receio de se aprofundar na análise dos sentimentos e motivações da personagem: “A moça é uma verdade da qual eu não queria saber” (LISPECTOR, 1977/1993, p.55). O que pretende Rodrigo ao nos revelar tal informação? Após o narrador reforçar tão fortemente sua distinção em relação a Macabéa, dizer que não queria saber a verdade que é a moça só põe em relevo a necessidade de evitar encontrar na personagens características temíveis e inconfessáveis de si mesmo.

Rodrigo prossegue, ainda que relutantemente, na reflexão acerca da realidade de Macabéa que, como já enfatizamos anteriormente, seria reflexo da realidade do próprio narrador e da própria autora: “De nada sei. Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só” (LISPECTOR, 1977/1993, p.56).

Em meio às suas últimas palavras e às últimas palavras de Macabéa no romance, o narrador ironiza o destino da personagem dizendo: “Vou fazer o possível para que ela não morra. Mas que vontade de adormecê-la e de eu mesmo ir para a cama dormir” (LISPECTOR, 1977/1993, p.100). E o tema da morte se mostra presente novamente na seguinte afirmação de Rodrigo: “Quem sabe se ela não estaria precisando morrer? Pois há momentos em que a pessoa está precisando de uma pequena mortezinha e sem nem ao menos saber” (LISPECTOR, 1977/1993, p.102). Quem sabe o próprio narrador e a própria autora não estivessem precisando morrer?

Naturalmente que, dessa vez, Rodrigo se refere a uma morte simbólica, uma morte em que se morre para que seja possível entrar em contato com o eu, com a realidade pendente sob os olhos de cada um. A análise anterior também se aplica a esse trecho:

Quanto a mim, substituo o ato da morte por um seu símbolo. Símbolo este que pode se resumir num profundo beijo mas não na parede áspera e sim boca-a-boca na agonia do prazer que é morte. Eu, que simbolicamente morro várias vezes só para experimentar a ressurreição (LISPECTOR, 1977/1993, p.102).

A contradição de Rodrigo no que diz respeito ao suposto amor que ele sentiria pela vida se expressa de forma clara no seguinte trecho: “Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida. Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago” (LISPECTOR, 1977/1993, p.102).

Finalmente, o narrador admite que a morte é a sua personagem favorita e, enfim, mata a Macabéa que existe dentro de si: “Então - ali deitada - teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto” (LISPECTOR, 1977/1993, p.103).

Dessa forma, o narrador vê a morte como um prêmio para tão sofrida vida de Macabéa, conforme o trecho a seguir: “Até tu, brutus?! sim, foi este o modo como eu quis anunciar que — que Macabéa morreu. Vencera o príncipe das trevas. Enfim a coroação” (LISPECTOR, 1977/1993, p.104).

Pois bem, a morte de Macabéa não é a única que o narrador anuncia. Logo adiante no romance, Rodrigo nos informa sobre a sua própria morte:

Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assustais, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo (LISPECTOR, 1977/1993, p.105).

Observamos, por meio da análise dos trechos citados, que Clarice Lispector exalta a morte usando seu alterego, Rodrigo, para isso. E em um melodrama fascinante, narrador e personagem principal chegam aos seus respectivos fins gloriosamente.

3.2 SENTIMENTOS DE CULPA

Freud (1920/2013) teoriza que a origem psíquica do sentimento de culpa está ligado ao temor da punição dos pais. A criança tem medo de perder o amor dos pais e, mais tarde, o símbolo do significado que os pais representam para as crianças são substituídos por uma quantidade de pessoas de uma comunidade. E assim nasce a ansiedade social que se dá graças a vivência coletiva (FREUD, 1920/2013).

Freud (FREUD, 1915/1996; 1920/2013) relaciona o sentimento de culpa com a atitude adotada frente à morte. Além disso, ele faz referencia a tempos pré históricos em que mesmo o homem estando apto a matar sem misericórdia e com brutalidade em demasia o mesmo fazia rituais de limpeza e purificação para se livrar do sentimento de culpa (FREUD, 1915/1996; 1920/2013).

Um dos mais significativos trechos relacionados ao sentimento de culpa em “A Hora da Estrela” é o seguinte: “– Bem, e você tem preocupações? – Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida” (LISPECTOR, 1977/1993, p.66).

Macabéa vive em um limbo pessoal. Ela não acha que merece qualquer vitória ou conquista devido ao sentimento de culpa arraigado em si. Observa-se isso nitidamente no seguinte trecho:

Vê-se isso no trecho: “Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia (LISPECTOR, 1977/1993, p.50).

A neurose de Macabéa, que anteriormente foi aclamada por Rodrigo como uma bênção, um suporte para a vida de sua personagem principal, agora se mostra como o sentimento danoso e corrosivo que de fato é. Esse sentimento neurótico é expresso pelos sonhos de

Macabéa e pelas as lembranças sexuais infantis que ela reprimiu por medo de perder o amor da tia. E de acordo com o narrador, Macabéa agora se receia de tudo e se sente culpada por tudo que faz e se arrepende.

Em uma conversa de Macabéa com o namorado dela também pode ser observado o sentimento de culpa: “Você me custou pouco, um cafezinho. Não vou gastar mais nada com você, está bem? Ela pensou: eu não mereço que ele me pague nada porque me mijei” (LISPECTOR, 1977/1993, p.72).

O sentimento de culpa faz com que Macabéa acredite que ela não possui valor diante da vida e que merece esperar pela morte apenas usufruindo do pouco que tem. Na concepção neurótica de Macabéa caracterizado pelo intenso sentimento de culpa, ela pensa que deve reprimir qualquer perspectiva de prazer que possa vir a surgir. Embora a pulsão exija descarga, o Supereu predomina na mente de Macabéa e controla o Eu dela fazendo com que essa instância psíquica ignore e reprima os desejos dela como uma forma de punição. A representação psicológica desse conflito interno se expressa por meio do sentimento de culpa (FREUD, 1920/2013).

Desse modo, a repressão causa sofrimento em Macabéa e, por mais que ela acredite não merecer os prazeres da vida, ela tem consciência de suas dores e da dor que a repressão causa a ela. Isso pode ser observado no seguinte trecho de um diálogo entre Olímpio e Macabéa no qual ela explica porque toma analgésicos com tanta frequência: “Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro. – É para eu não me doer. – Como é que é? Hein? Você se dói? – Eu me dão o tempo todo” (LISPECTOR, 1977/1993, p.80). Trata-se simplesmente de uma mistura de ignorância e ingenuidade: a personagem principal de “A Hora da Estrela” não sabe ao certo porque sente-se culpada, embora reconheça de que isso a faz sofrer.

O narrador descreve o devaneio de Macabéa sobre a infância para que se possa entender a neurose dela: “Então costumava fingir que corria pelos corredores de boneca na mão atrás de uma bola e rindo muito a gargalhada era aterrorizadora porque acontecia no passado e só a imaginação maléfica a trazia para o presente, saudade do que poderia ter sido e não foi” (LISPECTOR, 1977/1993, p.48).

Dessa forma, é possível analisar alguns aspectos do passado de Macabéa, a relação dela consigo mesma e a relação dela com a tia que a criou. A compreensão dessas relações possibilita o entendimento de como elas influenciaram na formação do sentimento de culpa existente na mente de Macabéa, conforme o elucidativo trecho a seguir:

As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida? A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida (LISPECTOR, 1977/1993, p.43).

Rodrigo descreve dessa maneira a infância de Macabéa e traz para nossas vistas o maltratar que a garota sofria pela tia. Conclui-se que o narrador espera que estabeleçamos a ligação entre os acontecimentos da sofrida infância de Macabéa. Quando criança, Macabéa era castigada pela tia. Após a morte da tia, devido à internalização da figura autoritária da tia, Macabéa passou a castigar a si própria, pois não tinha mais a presença da tia para castigá-la. E como boa neurótica que Macabéa era, não lhe poderia faltar o castigo diante de uma suposta falha.

O narrador mostra a infelicidade de Macabéa relacionada ao sentimento de culpa dela: “Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto (LISPECTOR, 1977/1993, p.48).

Devido a isso, Macabéa se priva de sentir prazer e ansiar por qualquer coisa que seja. Afinal, a neurose e os pensamentos irrealis faziam dela uma presa fácil para o sentimento de culpa. E faziam da mesma um ser que apenas respira, vegetando.

3.3 NECESSIDADE DE EXPIAÇÃO (PUNIÇÃO E SOFRIMENTO PARA SI MESMO)

Encontra-se em diversos trechos do romance “A hora da estrela” a necessidade de expiação, a qual se relaciona com o sentimento inconsciente de culpa. A necessidade de expiação é uma busca inconsciente por uma punição que possibilite a remissão do sentimento de culpa (FREUD, 1920/2013).

O trecho a seguir evidencia a necessidade de expiação: “A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fígada funda em plena boca nossa. É a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade” (LISPECTOR, 1977/1993, p.25). Nesse trecho, quem procura punir-se trazendo para si as dores do mundo é o narrador Rodrigo. Alude-nos com estórias sobre sua penosa jornada e nos traz sua infelicidade, fruto de sua autopunição.

Outro trecho que ilustra a necessidade de expiação expressa pelo narrador Rodrigo: “Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa?” (LISPECTOR, 1977/1993, p.29). Surge a pergunta: de que Rodrigo sente tanta culpa? O narrador que vive à margem de si mesmo e não pune só a si como também pune sua personagem principal por suas neuroses.

Tanto sofrer em tão pouco espaço. Além de impiedoso, o narrador também se mostra irreverente e narra: “E pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: aguenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão” (LISPECTOR, 1977/1993, p.31). A sua punição a que aspira o narrador é fria e silenciosa.

Desse modo, engana-se quem pensa que a punição desejada pelo narrador é apenas psíquica. Afinal, Rodrigo também expressa a necessidade de expiação física quando nos conta: “Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual” (LISPECTOR, 1977/1993, p.34).

Sobre Macabéa, enviesado por suas próprias neuroses que, como nosso narrador salienta são “de guerra”, Rodrigo afirma: “Nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa)” (LISPECTOR, 1977/1993, p.39). Portanto, Rodrigo não se contém e pune sua personagem principal como gostaria de punir a si mesmo.

Sarcasticamente, Rodrigo também revela: “Sofro por ela. E só eu é que posso dizer assim: ‘que é que você me pede chorando que não lhe dê cantando?’” (LISPECTOR, 1977/1993, p.42). Estaria Rodrigo justamente revelando sua atual condição se referindo a Macabéa?

No trecho que se segue, há a ilustração de a necessidade de expiação de Macabéa, tal como postulado pela Psicanálise (FREUD, 1920/2013), surge de uma repressão que ocorre na infância: “Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo, a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital” (LISPECTOR, 1977/1993, p.43).

Os ensinamentos da tia ficaram arraigados profundamente na mente de Macabéa, alimentando a neurose dela: “Além desses medos, como se não bastassem, tinha medo grande de pegar doença ruim lá embaixo dela – isso, a tia lhe ensinara” (LISPECTOR, 1977/1993, p.49).

Rodrigo admite como a estória lhe incomoda novamente e com algum humor doentio que lhe é de direito, o narrador faz menção ao fato de seus relatos sobre Macabéa terem uma influencia significativa em sua vida. “(Estou passando por um pequeno inferno com esta história. Queiram os deuses que eu nunca descreva o lázaro porque senão eu me cobriria de lepra.)” (LISPECTOR, 1977/1993, p.55). Ele sente o que transmite à sua personagem porque ambos são neuróticos.

Nessa pobre garota, tão neurótica e provida de culpa infinita, notamos uma insaciável necessidade de expiação, conforme o relato de Rodrigo a seguir: “Esqueci de dizer que às vezes a datilógrafa tinha enjôo para comer. Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre. Perdeu o apetite, só tinha grande fome” (LISPECTOR, 1977/1993, p.55).

Desse modo, o narrador transfere a culpa que sente para a pobre garota e, sem piedade, ele a pune impiedosamente, aliviando-se neuroticamente da própria culpa.

Posteriormente, o narrador revela algo sobre os desejos íntimos da garota e penosa tarefa dela de se privar dele:

Ela sabia o que era o desejo — embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arpejava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. E arrumara um jeito de achar nas coisas simples e honestas a graça de um pecado (LISPECTOR, 1977/1993, p.61).

Dessa forma, Macabéa entrava em contato com a dor da repressão, punia-se frequentemente por achar que merecia ser punida, tal como era quando criança pela tia. Nem na hora da morte, que de acordo com Rodrigo foi seu momento de liberdade, Macabéa foi capaz de livrar completamente da necessidade de expiação: “Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge — como se foge da dor — em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda” (LISPECTOR, 1977/1993, p.100).

3.4 AÇÕES DE MORTIFICAÇÃO (AUTO-SABOTAGEM, AUTO-ANULAÇÃO)

As ações de mortificação no romance “A hora da estrela” são encontradas tanto em Rodrigo quanto em Macabéa. Uma vez que os dois são partes tão integradas do inconsciente de Clarice Lispector, pode-se interrogar se a mortificação não estaria marcando presença na autora também.

A necessidade de se deixar apodrecer interna e externamente típica do processo de autossabotagem presente na neurose (FREUD, 1920/2013) é ilustrada claramente no trecho a seguir que descreve o odor desagradável exalado por Macabéa: “Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la” (LISPECTOR, 1977/1993, p.42).

A falta de curiosidade sobre si mesmo ou o mundo ao redor, bem como a falta de qualquer perspectiva para mudanças, além de cega e completa aceitação da realidade são formas de autoanulação (FREUD, 1920/2013). A autoanulação associada à falta de desejo de autoconhecimento pode ser encontrada no seguinte trecho em que o narrador diz: “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz” (LISPECTOR, 1977/1993, p.42).

Quando o narrador descreve a infância de Macabéa, ele traz uma informação importante sobre sua autoanulação vivenciada pela personagem: “A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida” (LISPECTOR, 1977/1993, p.44).

No trecho a seguir, encontramos tanto a autoanulação quanto a autossabotagem: “Imaginava, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir um gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro” (LISPECTOR, 1977/1993, p.47).

O narrador Rodrigo cita apenas um breve e único momento de reflexão da personagem Macabéa: “Só uma vez se fez uma trágica pergunta: Quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar” (LISPECTOR, 1977/1993, p.48).

Em sua complexa necessidade de se desvencilhar de Macabéa, o narrador diz: “Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada” (LISPECTOR, 1977/1993, p.48). Desse modo, traços de auto-anulação também são facilmente identificados em Rodrigo, possibilitando que se suspeite de que o narrador deseja que saibamos sobre seus segredos como uma forma neurótica de autopunição e expiação de culpa.

O comportamento de autocomiseração também é uma forma de autoanulação. A autocomiseração aparece no seguinte trecho narrado por Rodrigo: “Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si” (LISPECTOR, 1977/1993, p.54).

No clímax de “A Hora da Estrela”, Macabéa chora. Alguns leitores poderiam presumir que seria um choro de revolta, uma última ação de bravura no resto de vida que lhe sobra. Contudo, de acordo com Rodrigo, o choro de Macabéa foi mais uma demonstração de autocomiseração e autoanulação: “Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era ‘assim’” (LISPECTOR, 1977/1993, p.68).

De tanto se autoanular, Macabéa se desconhece, como revela o seguinte diálogo entre Olímpico e Macabéa: “Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo? – Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê? ...Quer dizer não sei bem quem eu sou” (LISPECTOR, 1977/1993, p.73).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente artigo foi averiguar a presença da concepção de pulsão de morte no livro “A Hora da Estrela” por meio de uma análise freudiana. Observou-se a existência de características típicas da pulsão de morte no romance, tais como: “compulsão à repetição”, “sentimento inconsciente de culpa”, “necessidade de expiação”, “ação de mortificação”. Em um interessante exercício de metaliteratura, Clarice Lispector, por meio do narrador Rodrigo, explica o título de seu livro:

Assim como ninguém um dia lhe ensinaria a morrer: na certa morreria um dia como se tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando no canto coral se ouvem agudos sibilantes (LISPECTOR, 1977/1993, p.44)

Pode-se considerar que o romance inteiro gira em torno da representação e do significado da morte para Rodrigo, Macabéa e Clarice Lispector. Em virtude disso, Beltrão-Filha (2004) evidenciou em “A Hora da Estrela” a presença de muitos símbolos alquímicos da transformação da personalidade”. O símbolo alquímico mais nítido observado por Beltrão-Filha (2004) foi o *calcinatio*, o processo de purificação por meio do fogo, o qual simboliza a morte do Eu para que ele possa ressurgir purificado.

Nesse sentido, o tema da morte não é explorado em “A Hora da Estrela” de modo objetivo, material. Muito ao contrário, a morte, indicada pelo narrador Rodrigo como a sua personagem favorita, é apresentada por Clarice Lispector a partir de uma dimensão psicológica, relacionando-a à dinâmica do inconsciente da personagem Macabéa e do próprio narrador Rodrigo.

Clarice Lispector cria um paradoxo: a vida é apenas um prolongamento da morte para Macabéa e, metaforicamente, para todos nós. E a autora faz com que a personagem Macabéa experimente esse prolongamento da morte em vida da forma mais penosa possível. Macabéa não vive em busca do prazer ou em busca de evitar a dor. A personagem é impulsionada para a autoanulação exatamente da forma como Freud (1920/2013) sugere que a pulsão de morte atua.

Então, Clarice Lispector, provida de uma “cínica bondade”, dá a Macabéa o tão sonhado papel de estrela, revelando mais um símbolo de transfiguração e de transcendência. De acordo com Beltrão-Filha:

E Macabea se transforma em uma estrela, isto é, ela renasce para a própria fonte comum de vida: as estrelas. O cosmos possui um valor alquímico por ele ser o recipiente de conteúdos vinculados ao *si-mesmo*, ou seja, ao Deus em nós, aquele que promove a transfiguração (BELTRÃO-FILHA, 2004, p.108).

Exatamente: a hora da estrela é a hora da morte, na qual não é mais necessário o prolongamento da vida e todas as suas dores subjacentes. No encontro da morte, Macabéa tem a atenção de todos e se torna a estrela que sempre merecera ser, embora a pulsão de morte a impulsionasse para o autoaniquilamento. Enfim, Clarice Lispector permite que a sua personagem encontre seu brilho, transfigurando-se em luz no instante mesmo da autodestruição.

REFERÊNCIAS

- ARÊAS, V. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Schwarcz, 2005.
- ALVES, L.M.N. Mulher nasce mulher? Clarice Lispector: Colunista e autora de “A hora da estrela”. **Em Tese**, v.6, p.121-129, 2003.
- BELTRÃO-FILHA, M.C.S. **Aurum alchymicum clariceano: um olhar hermético sobre o texto de Lispector**. 2004. 250f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- BOSI, A. Clarice Lispector. In: **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BORELLI, O. **Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 1920/2013.
- FREUD, S. **Esboço de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1938/1996.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977/1993.
- MOSER, B. **Clarice**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SPINELLI, D. **A construção da forma n’A Hora da estrela de Clarice Lispector**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.